

Diversidade cultural e sexual na arte contemporânea: anotações, impressões e desafios

Wilton Garcia, Fatec / Uniso

A complexa expressão da diversidade cultural/sexual na arte contemporânea brasileira, enquanto categoria crítico-reflexiva, destaca a desconstrução de oposições binárias entre identidades de gênero e orientação sexual. Disso surge uma inquietação em forma de pergunta: como (re)dimensionar a produção da arte contemporânea mediante a agenda de debates a respeito dessa diversidade no país? O presente ensaio de ideias mostra desafios no campo ampliado dos estudos contemporâneos, ao aproximar os estudos culturais e as tecnologias emergentes. Como resultado, emerge-se o fluxo recorrente de (im)possibilidades na intensidade da experiência contemporânea pautada por alteridade, diferença e diversidade.

Palavras-chaves: Diversidade Cultural/Sexual. Arte Contemporânea Brasileira. Reflexões.

*

The complex expression of cultural / sexual diversity in contemporary Brazilian art, as a critical-reflexive category, arises from the deconstruction of binary oppositions between gender identities and sexual orientation. There is an urgent need for a question: how can (re)dimension the production of contemporary art through the agenda of debates about this diversity in the country? The present essay of ideas shows challenges in the expanded field of contemporary studies, by bringing together cultural studies and emerging technologies. As a result, the recurrent flow of (im)possibilities emerges in the intensity of contemporary experience ruled by alterity, difference, and diversity.

Keywords: Cultural / Sexual Diversity. Contemporary Brazilian Art. Reflections.

Para Mariarosaria Fabris

Sem verba, sem conceito, sem referência, portanto, sem direção: como dilema da contemporaneidade, a arte contemporânea está em crise, porque nossa sociedade também está em crise. Agora, mais vale o efeito.

Discutir atualmente a produção de arte, no Brasil e no mundo, implica (re)considerar as condições adaptativas de atualização/inação das chamadas categorizações das obras de arte com seus variados suportes e conceitos, como: desenho, pintura, instalação, escultura, fotografia, vídeo, performance, filmes etc. Há um fecundo experimentar de diferentes passagens da produção artística, estética e tecnológica no país, em diversos formatos e/ou dispositivos materiais. E isso influencia o pensamento crítico sobre a arte.

Nesta abordagem em especial, interessa debruçar a respeito de estratégias discursivas da diversidade cultural/sexual na arte contemporânea brasileira, as quais direcionam às formas de negociar com as instituições do sistema hegemônico, sobretudo o mercado (VILLAÇA, 2018). Não se trata necessariamente de observar os processos de produção da obra de arte, mas, sim, de tentar refletir acerca dos desdobramentos sincréticos dos conteúdos dessa arte que a(di)ciona a diversidade cultura/sexual da atualidade (GARCIA, 2004; TREVISAN, 2018). O que ilumina um modo de ver/ler uma obra de arte.

Assim, aspectos econômicos, identitários, socioculturais e/ou políticos devem ser ressaltados por deslocamentos e flexibilidades, que agenciam articulações estratégicas dessa diversidade para se ponderar os espaços culturais. Tais aspectos equacionam um tipo de produção cultural singular que envolve as comunidades de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexs, Assexuados e afins – LGBTQIA+. São iniciativas que compreendem elementos peculiares cujas experimentações poéticas – transgressivos e/ou subversivos – tentam flexibilizar e alargar um campo interdisciplinar enriquecedor entre arte, comunicação, cultura e tecnologia.

Como artista visual, pesquisador e professor, desenvolvo atualmente uma pesquisa intitulada “Imagem, Cultura e Diversidade: estudos contemporâneos” (2016-2018). A expectativa dessa pesquisa é refletir sobre a sociedade contemporânea, mais especificamente a respeito de uma escritura da diversidade cultural/sexual nas expressões artísticas, estéticas e/ou tecnológicas em produções brasileiras atuais como fotografias, filme, videoclipe etc. Isso demonstra determinada qualidade inventiva pautada por estratégias.

Há alguns anos, me dedico aos chamados estudos contemporâneos (GARCIA, 2004; SANTOS; GARCIA, 2002), na expectativa de pesquisar a respeito de

atualização, inovação e criatividade em determinadas produções estéticas e tecnológicas. Trata-se de provocar a gestação de dinâmicas, simultaneamente, teóricas e/ou políticas. Ou seja, a produção de conhecimento atrela-se à produção de subjetividade e à produção de informação. Conseqüentemente, legitima-se à produção de imagem.

Evidente que a complexa expressão da diversidade cultural/sexual, enquanto categoria crítico-reflexiva como produção de subjetividade, destaca a desconstrução de oposições binárias entre identidades de gênero e orientação sexual (BUTLER, 1993; LOURO, 2004; SALIH, 2015; SANTOS, 2014). É fundamental avançar nesse tipo de debate que tenta organizar as manifestações biológicas, sociais e/ou sexuais do sujeito no mundo, inclusive na arte (PRECIADO, 2014; GARCIA, 2004; TREVISAN, 2018).

Em sintonia ao debate, a dimensão erótica evoca o corpo e a imagem corporal (GARCIA, 2004). Então, o sujeito apresenta-se a partir da referencial corpóreo, bem como pode ser constatado a expressão de desejo e/ou erótica na arte a partir da imagem do corpo, inclusive na arte contemporânea. Mais que metáfora, a condição corpórea na sua dimensão ontológica potencializa o humana e lança vestígios incrementados pela linguagem.

Disso surgem algumas breves perguntas: como (re)dimensionar a produção da arte contemporânea mediante a agenda de debates a respeito da diversidade cultural/sexual no país? Ou, de fato, como assegurar os direitos básicos fundamentais da diversidade na arte contemporânea brasileira?

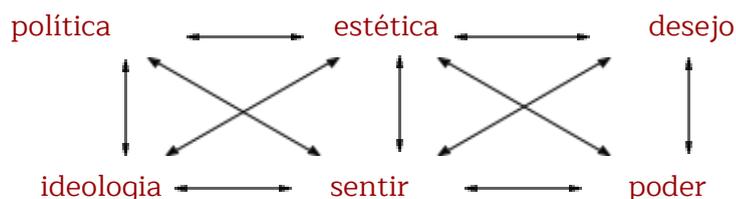
Assim, o presente ensaio de ideias mostra alguns desafios intelectuais (acadêmico-científicos) no campo ampliado dos estudos contemporâneos, os quais relacionam e aproximam os estudos culturais e as tecnologias emergentes. Aproximar esses estudos implica garantir uma passo à frente.

Realizadas tais alinhamentos preliminares, passo a desenvolver o registro uma proposta assinalada por Anotações, Impressões e Desafios. Também, há uma discussão e, para completar, proponho um Manifesto. São movimentos distintos, mas que se complementam como escritura de uma reflexão em processo, que serve de alternativa para pensar sobre a diversidade na arte contemporânea.

Anotações

Notadamente, a relação imagem e diversidade cultural/sexual contextualiza a arte contemporânea, recheada de termos complexos como: política, estética, desejo, ideologia, sentir e poder (GARCIA, 2004; TREVISAN, 2018). Nesse caso, a (re)dimensão vetorial desses termos amplia o agenciamento de noções, cujas resultantes potencializam perspectivas dissidentes – para além do senso comum. Por assim dizer, o Quadro I demarca uma vertente entre política, estética e

desejo como premissa que contextualiza o ambiente de uma proposição enunciativa tenaz (flexível e deslocável), que aborda a concomitância de base estrutural entre ideologia, sentir e poder.



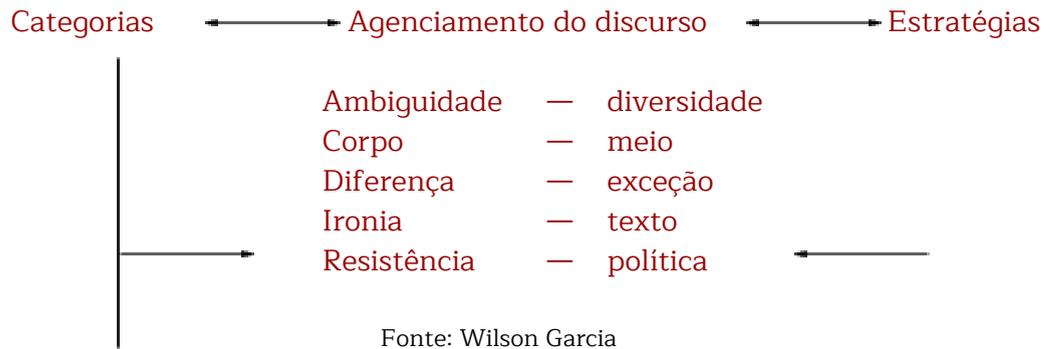
Fonte: Wilson Garcia

Essa proposição entrelaça propriedades inerentes a cada condição adaptativa de Ser/Estar. Aqui, deslocar e condensar desdobram territorialidades provisórias: reposicionadas. Embora, esse esboço figurativo não consiga expor os seis termos de modo parcial, as (inter)mediações (re)formulam o objeto, o/a observador/a e o contexto. Tal conjunção relaciona o grupo proposto em outras vertentes, na maleabilidade de cada item exposto.

Logo, não se nega a apresentação política configurada pelo objeto em si, além de sua própria linguagem e identidade que se entrecruzam ao desejo e ao poder. Assim, a condição da estética – articulada como categoria crítica – perpassa tanto pelo sentir quanto pela ideologia e, conseqüentemente, pelo poder. Portanto, não justifica uma ação política de instrumentalização disfarçada, pois a “política do desejo” instaura-se em contraponto às reivindicações de identidades como fator de transformação sociocultural.

Impressões

Ao elaborar o Quadro II, conforme a seguir, as estratégias discursivas organizam-se a partir de categorias (ambigüidade, corpo, ironia, diferença e resistência), as quais dependem da inscrição de cada termo dado. Essa ação pronuncia-se como atitude infrapolítica nessa natureza transideológica do entre-lugar, que subverte o sistema para driblar as malhas reguladoras do discurso contemporâneo, sobretudo na institucionalização restritiva da arte.



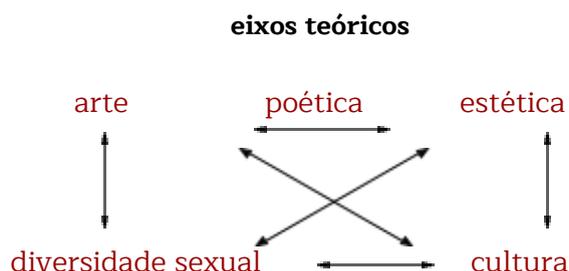
Isso demonstra a negociação – como desenvolvimento do percurso – entre o termo até a categoria, com deslocamentos pertinentes à formulação de estratégias. Também, o quadro apresenta noções articuladoras (diversidade, meio exceção, texto e política) de tais categorias, concebidas em sua operacionalização antagônica e contraditória, contida no uso subversivo.

No deslizamento constante que correlaciona as categorias em estratégias, a condição efêmera de efeitos coloca-se, por certo, como exercício alternativo. De modo indubitável, emerge-se o fluxo recorrente de possibilidades fracionado por impossibilidade – na intensidade da experiência contemporânea – pautada por alteridade, diferença e diversidade.

Ainda que situe essa noção de arte contemporânea em um espaço não tão legalizado pelo hegemônico, existe a busca de pertencimento da ação estética para além da perspectiva minoritária. Isso desenha uma proposição enunciativa tenaz para se refletir, também, sobre os Direitos Humanos.

Desafios

No Quadro III, os eixos teóricos propostos relacionam a formulação de redes de conversações interessadas no desenvolvimento da produção de conhecimento. De um lado, a estética como eixo teórico (mais que retórico da realidade) deve ser aprofundada, em primeiro plano, ao realizar um diálogo entre arte, cultura e diversidade. Essa última pode ser dimensionada também em primeiro plano, ao transversalizar cultura, arte e estética.



Fonte: Wilson Garcia

Essas articulações estratégicas, de maneira pontual, tangenciam situações complexas e, ao mesmo tempo, paradoxais a respeito de pesquisas acerca das minorias sexuais, em especial na arte brasileira. Tanto a produção acadêmica quanto os movimentos sociais utilizam-se de determinadas esquemas das teorias sociais políticas estudos *queer*, estudos de gênero (RIBEIRO, 2017; SPIVAK, 2010), estudos LGBTQIA+ e afins no Brasil.

Há, inevitavelmente, uma perplexidade no tratamento desumano da violência contra as pessoas LGBTQIA+ na realidade cotidiana, em que se registra e se divulga conforme tendência mercadológico-midiática. Como desafio, “chamar atenção para sexualidades desviantes na arte é, antes de tudo, aproximar a produção artística da vida cotidiana e problematizar seu olhar a partir delas” (TREVISAN, 2018, p. 554). Isso requer um posicionamento político para valorizar a (re)dimensão das sexualidades desviantes na arte atual como expressão dissidente que fala por si, independente do hegemônico.

Discussão

Talvez, seria impossível arriscar na setorização estrutural de instâncias discursivas que possam compreender a arte contemporânea no Brasil e no mundo, pois isso distanciaria de uma condição adaptativa da experimentação poética, na tessitura da cena artística atual. Contudo, a representação de qualquer objeto na arte atual agencia-se no *entre-lugar*, como espaço de (inter)subjetividades. Essa última indica a provocação contingente do *entre-lugar*, que elege a descrição do objeto artístico como solução criativa.

Como sobrevivência, o artista precisa criar algo genuíno. E sabe-se que, para alcançar notoriedade e/ reconhecimento, a obra contemporânea se diversifica, se fragmenta e se transforma, rapidamente, como camaleão!

Mais que a denúncia da violência contra a liberdade de expressão, percebe-se o empoderamento dos discursos minoritários no país como avanço da democracia, inclusive sobre a ideologia de gêneros, embora a diversidade deveria estar garantida na agenda das políticas públicas. Empoderar-se na arte, hoje, parece ser o caminho positivo, sobretudo às chamadas minorias.

Especificamente na produção de conhecimento, a (des)construção da imagem corpórea, aqui, envolve uma dinâmica de estratégias que negociam uma proposição enunciativa de uma arte contemporânea mais sintonizada com a realidade. Assim, vale abordar alguns elementos acerca de corpo e identidade como referência da diversidade manifesta na arte contemporânea.

Essas distinções permeiam corpo, sujeito e sociedade, ao contribuir para o fortalecimento epistemológico, axiológico e ontológico da diversidade em questão. No contexto dessa discussão sobre a arte contemporânea brasileira, a censura da exposição *QueerMuseum* (2017) – em sua proposta poético-identitária parece ameaçar os/as conservadores/as – seria um exemplo contumaz dessa incapacidade de trabalhar com a diversidade no cotidiano (TREVISAN, 2018). Assim, a produção da arte contemporânea deve ampliar sua agenda de debates a respeito da diversidade cultural/sexual no país.

Nunca se deve temer, em caso algum, a instrumentalização por parte do poder e da cultura. É preciso comportar-se como se esta eventualidade perigosa não existisse. O que conta é, acima de tudo, a sinceridade e a necessidade daquilo que se deve dizer (PASOLINI, 1975, p. 19).

Manifesto

A emergência da diversidade grita por socorro. Então, por favor, preste atenção para atingir ápice – entre desejo, erótica e gozo. Isso se estabelece estrategicamente como princípio reflexivo de uma realidade aqui ficcionalizada pela arte. Desse lugar de fala, há determinado empoderamento que se deve agenciar/negociar com outros substratos da diversidade contemporânea.

Sem dúvida, convido o/a leitor/a a celebrar a felicidade. E traga à mesa uma conversa a respeito do deleite do prazer na arte e na vida. Seja feliz! A experiência idiossincrática da arte-vida atrevida é muito mais que isso, pois ajuda a expelir anseios, desejos e vontades. A arte expressa quem somos e ilumina uma pluralidade. Também, ajuda a se posicionar como sujeito livre. Liberto. Sem dúvida, a liberdade equaciona um ativismo reagente.

A partir dessa sensibilidade diversa, quero transformar o que sinto em um potencial que transcorra no cotidiano em arte, que arrisca. Esse movimento labiríntico de bifurcações e possibilidades entre a manifestação artística e a teórica inscreve uma pesquisa de (de/trans)formação do objeto estético em propriedades circunstanciais da produção do conhecimento.

Dos movimentos esquisitos que elegem o percurso investigativo dessa exposição performática, o desejo não pode ficar oculto. Jamais! Pelo contrário, sua frenética exibição – para além da vontade – aguça relevos singulares da condição

humana e traduz a emergência intensa da noção de contemporâneo, que escapa aos sentidos para se valer do EFEITO como: provisório, parcial, inacabado, efêmero. Ou seja, deslizante, porque não se apreende, de fato.

Destaca-se, em nossa *Terra Brasilis*, a ancestralidade contundente de índios, africanos e europeus. Somos um pouco de cada, a devorar culturas híbridas. Somos brasileiros. Sim, o corpo mestiço forma um híbrido tropical, audaz, de camadas espessas e tamanha brasilidade cabocla. E, talvez, por isso me convidaram para falar... Representar. Expressar uma parte de mim. Piso firme em terra forte, confiante, transparente. Sou gente!

Do erótico ao sagrado (e vice-versa), o profano paulatinamente grita pelo batuque do samba, das comunidades populares aos ares da erudição, para cantar e dançar o ritmo encadeado da vida que gira, vira e gira. Nessa comemoração antropofágica de devorar a carne na arte. Debate desafio!

Valem os atravessamentos conceituais e críticos como aventuras que pautam uma nova história a ser agenciada/negociada com o/a outro/a. Como alternativa plausível, a outridade obtém vestígios de uma ação inclusiva pela equidade de sermos sujeitos diferentes perante as coisas do mundo. No desejo pelo/a outro/a, alteridade, diferença e diversidade (re)configuram-se como novidades. Em busca de soluções criativas, avançam...

O espaço poético e performático da diversidade na arte contemporânea – no Brasil e no mundo – emerge-se em uma paisagem inebriante do (des)conhecido a instigar o/a outro/a com desafios eloquentes, cuja a leitura crítica se (des)constrói diante do fazer artístico e reflexivo.

Aqui particularmente, seria pensar. Refletir a lógica do presente em um passo para transformar as coisas no mundo. Qualquer reflexão, assim, desdobra fragmentos múltiplos, que (re)formulam um posicionamento crítico acerca da vida. Logo, a reflexão impulsiona o humano em sua produção (inter)subjetiva. Sem dúvida, isso gera autonomia, emancipação e independência, porque interfere no cotidiano e cria uma lógica diferente.

Portanto, agencio/negocio esse *fazer-saber* e no *saber-fazer* no tempo disforme do estranhamento, nomeado aqui sob condição poética de alteridade. Na intensidade da experiência humana, aproveito para me empenhar nessas reflexões que auxiliam a imagem dessa diversidade e suas derivativas. Junto ao meu próprio processo de criação, como artista visual, há um experimentar íntimo e passional na produção de arte, imagem e crítica.

Caso contrário, seria impossível (e inoportuno) absorver a ficção da realidade pincelada em uma tela de pintura ou a máquina que projeta luzes sob a imaginação. E, ainda, escapa o vento sobrando a escritura de um efeito pulsante

para a(di)cionar a diversidade presente, em estado de força, visibilidade, solidariedade e afirmação.

Anseia-se pelo gozo. Gozo provado por imagens quentes que tocam as incoerências do desejo de corpo e alma. Uma figura, em evidência, mostra o robusto volume penetrante na carne espessa que vibra a emoção de ser afrontada pela aventura da boca seca, cuja respiração ofegante e uma imaginação fértil desliza as linhas do primitivo bestial. Lá embaixo, bem baixo, no baixo, não há mais que um breve suspiro abrupto de felicidade.

Como ideologia de gênero na arte contemporânea, vale a pena resistir. A resistência está na perspectiva contrária do lugar comum que se coloca a ponderar as coisas no mundo. Uma nova/outra leitura, mais atual, torna-se fundamental para seguir em frente. Ou seja, vale sobreviver aos conflitos, enfrentamentos e desafios que merecem debate sobre a diversidade cultural/sexual, sem se importar com as artimanhas grotescas que possam surgir para tentar impedir a caminhada em prol do que se multiplica.

Na (re)dimensão quântica do espiritual, Eu acredito! Porque a vitalidade da energia pode alcançar lugares e padrões vibratórios inimagináveis, pois basta querer. E eu quero, visto que sem tensão, não há qualquer *dever-desejante*.

Referências bibliográficas

ABEH – Associação Brasileira de Estudos da Homocultura, 2018. Disponível em: <http://congressoabeh.com.br/> Acessado em: 10 ago 2018.

BUTLER, J. *Bodies that matter: on the discursive limits of "sex"*. New York: Routledge, 1993.

GARCIA, W. *Homoreotismo & imagem no Brasil*. São Paulo: Fapesp/Nojosa edições, 2004.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PASOLINI, P. P. *Últimos escritos*, 1975.

PRECIADO, P. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SALIH, S. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANTOS, R. *Poética da diferença: um olhar queer*. São Paulo: Factash-Hagrado, 2014.

SANTOS, R.; GARCIA, W. (orgs.). *A escrita de até: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil*. São Paulo: Xamã-Nassau Community College – NCC/SUNY, 2002.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: EdUFMG, 2010.

TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 3ª ed São Paulo: Objetiva, 2018.

VILLAÇA, N. *O consumo da cultura: comunicação e performance*. São Paulo: Cores e Letras, 2018.